

Que bom estarmos aqui e sermos quem somos:

as relações semanticamente problemáticas entre ‘ser’ e ‘estar’ em PE

Clara Nunes Correia

Abstract: This paper focuses on some important issues about European Portuguese (EP) verb ‘to be’, taking in consideration the grammatical and lexical differences between ‘ser’ and ‘estar’ in this language. The analysis is centered on their diachronic history (as an auxiliary verb or a lexical verb in Romance and non-Romance languages) and on their different values defined in the TAM domain. Taking TAM as an important topic in this presentation, some arguments to explain the difference between aspect values and modal values of these verbs in different utterances and sentences are discussed. In the domain of modality, some of the characteristics of the evaluative modality markers, based on the difference between ‘ser’ and ‘estar’ verbs, are presented.

0. À análise de *ser* e *estar* em PE, sob o ponto de vista da sua interpretação, estão tradicionalmente associados valores que se excluem (transitoriedade de *estar* vs permanência de *ser*; atribuição de valores genéricos de predicções com *ser* vs atribuição de valores específicos a predicções com *estar*; localização espacial definida por *estar* vs localização modal (e existencial) definida por *ser*...). Em termos de funcionamento da língua estas diferentes interpretações não se excluem e podem, até, completar-se.

Nesta apresentação tentarei fixar algumas coordenadas que podem definir possibilidades de trabalho futuro sobre estes dois verbos.

1. As constatações acima feitas de ocorrências diferenciadas entre *ser* e *estar* em PE podem tornar-se menos

locais e mais generalizantes se se discutir o valor destes verbos – em termos de diferenciação linguística – tomado como paradigma diferencial a ocorrência dos auxiliares na diversidade das línguas.

De acordo com Ratzlaff & Ratzlaff (2007) pode verificar-se que em línguas geneticamente diferenciadas do latim se observam processos de auxiliarização¹ com verbos definidos como *to be*² e *to have*, suportando os autores esta

¹ Sobre os a auxiliarização de *ficar*, ver, e.o., Lehmann 2008 e Correia 2010. Sobre a caracterização dos auxiliares, cf., e.o., Gonçalves & Costa 2002.

² Nesta parte do trabalho assume-se que a etiquetas ‘to be’ e ‘to have’ abarcam verbos que em línguas como o Português, e.o., se diferenciam lexical-mente como *ser/estar* no primeiro caso, *haver/ter* no segundo. Neste trabalho dar-se-á atenção às análises que caracterizam ‘ser/estar’.

argumentação na proposta de auxiliarização proposta por Kuteva (1995: 374): “The auxiliiation constraint is claimed to be the reflection of a basic principle of the human conceptualization capacity, namely, that the abstract notions are conceptualized via their relatedness to a limit number of concepts directly meaningful for human beings (...).”

Deste modo, facilmente se pode compreender que as ocorrências de *to be* possa ocorrer como auxiliar de formas verbais compostas (*Present Perfect*)³ de outras famílias de línguas.

Aliás, uma das linhas de argumentação que os autores seguem é a de que as línguas que não estão directamente relacionadas com o latim (cf., Japonês, Tamil, ...), constroem formas de *Present Perfect* com *to be*, em detrimento de *to have* (v. a argumentação de Ratzlaff & Ratzlaff, *idem*: 163 e segs), como acontece, por exemplo com forma *te-iru* em Japonês. Os autores apresentam argumentos que – e restringindo agora a discussão para as línguas românicas – suportam a opção de auxiliarização destes verbos em razões que se prendem inerentemente com processos de gramaticalização de verbos existenciais vs verbos de posse: “(...) the auxiliary *to have* is dominant in latin (where *to be* occurs only with restrict verbs) (...) [and] because of its volatile nature in the Present tense (...) *to be* has easily served as an ‘aspectual marker’, especially in languages which can

express possession without their verb *to have*.” (*idem*: 154).

Esta argumentação pode ser reforçada com o exemplo do Latim (e do Português) em que *to be* é marcador de posse, como se pode observar em *mihi est rosa / a rosa é minha*)

Nos casos em que ‘to be’ ocorre como verbo ‘pleno’, marca ou valores existenciais, verificados por exemplo, nas ocorrências de *to be* em inglês (*she is young / ela é nova*) ou valores de localização (*she is at work / ela está no trabalho / ela está a trabalhar*).

Assim, parece interessante sublinhar que a estabilidade da oposição de *ser/estar* em Português está desde logo prevista na manifestação dos valores inerentes a ‘to be’ em latim, distanciando-se dos valores mais ‘gramaticalizados’ (na passagem do latim para as línguas românicas) de ‘haver’. Deste modo, os valores de existência e de localização (abstracta ou topológica) reforçam os valores ‘iniciais’ de *to be*, assumindo em Português (e em Castelhana) formas lexicais diferentes, mas co-relacionadas na sua génese.

2. Se nos centrarmos, agora, nas propriedades que estas duas formas manifestam nos enunciados em que ocorrem, poderemos, e de acordo com, e.o., Campos (*m.s / s/d*) estabelecer uma análise destes verbos, tendo em conta as diferentes operações que – quer ao nível predicativo, quer sob o ponto de vista das operações de determinação – os diferenciam semanticamente. Estas operações incidem, assim, sobre as

³ Esta designação é referida no texto destes autores como *Present Perfect*. Importa referir, que mesmo nas línguas românicas (como em Francês, p.ex.) o *Passé composé* pode usar ‘être’ como auxiliar – *il est allé*.

possíveis predicções em que verbos como *ser* e *estar* podem ocorrer.

Deste modo, e ainda de acordo com a autora, *ser* é preferencialmente marcador de valores de identificação (ao definir valores equativos ou valores de predicção) – como se pode ver em exemplos como

1. A estrela da manhã é a estrela da tarde
2. A Maria é inteligente
3. O leão é um animal simpático
4. O Rui é de Lisboa

enquanto que *estar* define, principalmente, valores de localização (abstracta ou topológica):

- 1'. O Rui está doente
- 2'. O Rui está em Lisboa
- 3'. O Rui está de férias

Assim, e no seguimento de Culioli (1995: 150-151), pode, em termos de generalização, afirmar-se que se se aceitar que *ser* funciona como um localizador da predicção, isto significa que estamos a localizar uma propriedade em relação a um termo. Este facto permite assumir que uma dada ocorrência está localizada em relação ao seu próprio predicado [*x é x = é o que é*]. Por outro lado, se uma dada ocorrência é localizada em relação a uma localização abstracta [*x é no lugar em que está*] não há construção de predicção de existência. Esta diferença permite, de forma mais clara, definir a fronteira entre estes dois verbos.

Ao centrarmos a análise destes dois verbos nas diferentes operações de determinação que os individualizam, poderemos defender (ainda de acordo com Campos, op.cit..) que tanto *estar* como *ser* marcam um valor de localização em relação ao sistema referencial (*x estar em casa / x ser baixo*), mas só *ser* marca uma operação de percurso (i.e., uma operação em que todos os intervalos são validados e validáveis pela própria predicção (*x ser baixo / bailarino / fumador / doente / de Lisboa....*)).

Se a focalização da análise incidir sobre os valores aspectuais que estes dois verbos definem nas diferentes predicções em que ocorrem (e de acordo com Lopes 1972: 235), verificamos que em predicções como

4. *x é parvo /alegre/ doente*

“(...) a propriedade atribuída a *x* tem um valor imperfeito relativamente ao pre-sente, verificável num dado intervalo de tempo, sem que exista a definição de um fechamento temporal à esquerda”, i.e., neste caso existe uma validação de um dado estados de coisas em relação ao sistema referencial, válido, pelo menos, nesse ponto.

Em contraponto, e ainda segundo o mesmo autor (*ibidem*), com predicções com *estar*

- 4'. *x está parvo /alegre/ doente*

“a propriedade atribuída a *x* (...) encontra-se predicada ao sujeito num intervalo cujos extremos estão próximos [pouco distanciados]. O valor aspectual é igualmente imperfeito em relação ao presente (...)”.

Já sob o ponto de vista modal, poderemos assumir um conjunto de princípios que permitem entender os diferentes valores que *ser* e *estar* desencadeiam: Assim, e de acordo com Campos 1978: 51 e segs (*adap.*),

(i) um enunciado [é] o resultado de um encadeamento de operações predicativas (...)

(ii) em cada enunciação é construída uma relação predicativa <p> e a respectiva classe de ocorrências abstractas. Estas constituem um domínio nocional com uma estruturação particular, que corresponde a um determinado valor modal

(iii) o valor modal de asserção estrita resulta da validação, pelo enunciator-locutor, das ocorrências positivas de <p> – asserção positiva – ou de <não-p> – asserção negativa

(iv) a modalização, [ao incidir sobre uma dada relação predicativa], atribui-lhe um valor modal.

Os princípios atrás referidos podem enquadrar, em termos gerais, as relações que *estar* e *ser* estabelecem com os termos das relações predicativas em que ocorrem. Aceitando a análise proposta por Campos & Xavier (1991)⁴, é importante dar, sobretudo, relevo à relação que o SN que ocupa ao lugar de sujeito sintáctico estabelece com o predicado sintáctico (nominal, adjectival ou preposicional). Assim,

partir-se-á de configurações com *ser* e *estar* (não incluindo nesta análise os enunciados equativos) como

X é Y⁵ / X não é Y / X é não Y

X está Y / X não está Y / X está não Y

em que X é um sujeito tipicamente não agentivo (na terminologia da análise proposta por Jackendoff 1972), e que por fazer parte da oração pequena, definida por *ser* e *estar*, restringe, fortemente o valor de Y a configurações existenciais com *ser* e a configurações espaciais (com *estar*), como se pode observar no paradigma seguinte:

5. O João /o jornal está em casa

5'. O João /o jornal não está em casa

5''. O João /o jornal está na rua⁶

6. O João /o jornal é interessante

6'. O João /o jornal não é interessante

6''. O João/ o jornal é desinteressante (não-interessante)

Esta evidência pode reforçar algumas particularidades destas construções, tendo, sobretudo em atenção o valor modal que as diferentes predicacões exibem com estes verbos.

3. A análise dos valores modais activa, tradicionalmente a discussão entre modalidades epistémicas e não-epistémicas. Neste trabalho, salientarei algumas particularidades da modalidade

⁴ Neste trabalho as autoras propõem como representação sintáctica destas configurações [SV ser [OP O João interessante]] / [SV estar [OP O João em casa]].

⁵ Exclui-se, como atrás se referiu o valor equativo desta configuração, não se tratando, neste momento, a interpretação de X é Y= Y é X. ⁶ 'rua' funciona, com este exemplo, como um complementar linguístico possível de 'não casa'.

apreciativa, por se poder considerar uma das vertentes que caracterizam os enunciados em que a sobremodalização (na acepção de Campos 1990) é marcada, em PE, por configurações como

é / foi / será + marca de avaliação (bom/mau/ excelente...) + predicação (previamente validada num outro intervalo temporal

Assim, sequências como

7. foi bom que o João tivesse chegado cedo

7'. é péssimo que estejamos a trabalhar num sábado de sol

7''. será excelente se não chover amanhã

exemplificam os casos clássicos em que, sobre a validação de <p>, é feita uma avaliação do estado de coisas construído por <p> (por outro ou pelo mesmo sujeito da enunciação), num intervalo de tempo obrigatoriamente disjunto em relação ao estado de tempo de <p>. Esta disjunção temporal entre <p> e <avaliação de p> permite – e retomando o título escolhido para este trabalho - Que bom *estarmos* aqui e *sermos* quem somos – discutir algumas hipóteses sobre os verbos em análise.

Em termos de análise imediata sobre a primeira asserção – *que bom estarmos aqui* – pode verificar-se que

(i) a apreciação do Sujeito enunciador assenta na predição <p> <estamos aqui>;

(ii) a validação de <p> é simultaneamente feita pelo

enunciador e pelo co-enunciador. Existe uma identificação entre 'quem diz' e 'quem ouve' face a um estado de coisas verificável;

(iii) a validação da 'apreciação' sobre <p> é só da responsabilidade do enuncia-dor;

(iv) o co-enunciador pode construir um valor de distância, recorrendo a formas como 'achas?' / 'que mau gosto!', ou de identificação – é, não é? / claro que é bom....

Se se focar a atenção na segunda asserção – [que bom] *sermos quem somos* – pode observar-se que

(i) a validação do segundo termo, independentemente do valor apreciativo, opera sobre um estado de coisas não permeável à validação: por definição *somos* o que /quem *somos*;

(ii) a inter-relação do pólo sujeito co-enunciador opera sobre a apreciação feita pelo sujeito enunciador e não sobre a pre-dicação;

Ao compararmos as duas predicações poderemos observar que a diferença entre os dois termos do enunciado centra-se, sobretudo, nas propriedades nocionais associadas a *estar* ou a *ser*.

4. Esta análise deve ser entendida como exercício conducente a uma reflexão, mais abrangente, sobre as propriedades destes verbos, devendo o trabalho futuro incidir, sobre a descrição (explicação) do funcionamento dos verbos auxiliares.

Como objectivo último, visa-se encontrar percursos de análise que permitam definir e estabilizar os valores manifestados pelas diferentes ocorrências de verbos como *ser* e *estar*, em configurações diferentes, numa mesma língua (ou em línguas diferentes).

Para isso, é necessário verificar as inter-relações com verbos com propriedades próximas, tendo em vista uma discussão mais abrangente sobre a operacionalidade do conceito de auxiliarização, programa de trabalho a ser desenvolvido.

Ao relacionarem-se os valores (diferentes) de *ser* e de *estar* em diferentes estádios da língua ou /e em línguas diferentes, visar-se-á, em última análise, aferir a validação de pressupostos teóricos, desenvolvendo pontes e ‘cruzamentos’ no domínios da Gramática e do Texto.

Referências bibliográficas

Campos, M^a Henriqueta Costa [1990] 1997. Para uma distinção formal entre operações de modalização: sobremodalização e remodelização. In *Tempo, aspecto, modalidade*. Porto: Porto Editora, pp. 151-158.

Campos, M^a Henriqueta Costa (s/d) Sobre *ser*, *estar* e *ficar* em Português Europeu (ms).

Campos, M^a Henriqueta & M^a Francisca Xavier 1991. *Sintaxe & Semântica do Português*. Lisboa: Universidade Aberta.

Correia, Clara Nunes 2010. Sobre os valores de *ficar* em Português Europeu.

Revista de Estudos Linguísticos /Linguistic Studies (5), pp. 153-161.

Culioli, Antoine 1995. *Cognition and representation in linguistic theory*. Amsterdam: John Benjamins Pub. Company.

Gonçalves, Anabela & T. Costa 2002. *(Auxiliar a) Compreender os verbos auxiliares*. Lisboa: Colibri/APP.

Jackendoff, Ray 1972. *Semantic interpretation in Generative Grammar*. Cambridge, Mass.: MIT Press.

Kuteva, Tania 1995. The auxiliation constraint and reference. In R. Geiger 1995 (ed) *Reference in multidisciplinary perspective. Philosophical object. Cognit-ive subject. Intersubjective process*, pp. 374-386.

Lehmann, Christian 2008. A auxiliarização de ‘ficar’. Linhas gerais. In Almeida, M. C.; B. Sieberg Bernd & A. M. Bernardo (eds), *Questions on language change*. Lisboa: Colibri, pp. 9-26.

Lopes, Óscar 1972. *Gramática Simbólica do Português*. Lisboa: FCG.

Ratzlaff, Gordon & Françoise Ratzlaff 2007. Dominance of the auxiliary *to be* in the Present Perfect of World Languages. http://www.ritsumei.ac.jp/acd/re/krsc/lcs/kiyou/17_1/153-170_RATZLAFF.pdf.